

Literatura

Um herói feito de pesadelos

Narrador da obra mais recente de Antonio Tabucchi, *Tristano* relembra seus sonhos e angústias antes de morrer

Por Luisa Destri



A vida? O que pulula quando levantamos uma pedra e descobrimos um formigueiro: as formigas fogem, e continuamos a chamá-lo de formigueiro. "Fica-lhe o quê? Um buraco. Escave, e continue a escavar", diz Tristano, um ex-combatente das tropas italianas na Segunda Guerra.

Um velho em seu leito de morte que, diante de um escritor convocado para tomar-lhe o depoimento e registrar sua biografia, escava. O narrador de *Tristano morre*, de Antonio Tabucchi, escava porque, chegando aos 80 anos, e cansado de ser velho e de estar preso à cama, quer ao mesmo tempo se despedir e se renovar. Mas alerta: "Vou contar os pormenores desta história, acho melhor, vou ignorar o essencial, que nem precisa que lhe expliquem...". O essencial: como a vida de qualquer outro herói, a desse homem contém diversos pesadelos. Suas tormentas são os erros, as dificuldades, as deficiências. O filho que não teve, a noite de amor que não viveu, o tiro que não disparou. A noite: "Porque a noite arrasta consigo os sonhos, e sobretudo os pesadelos, e é difícil enfrentar os pesadelos, mais ainda do que enfrentar os nazistas, por aí se vê realmente quem é herói".

A história: Tristano quis desertar das tropas italianas durante a invasão a Creta, mas terminou condecorado. Agora, vai morrer, porque se recusa a amputar a perna gangrenada. A ferida, já chegando à virilha, obriga-o a passar as horas deitado de bruços nas almofadas.

Quando menino, conversava com as cigarras. Velho, não consegue se livrar do incômodo sonoro provocado pelas asas pesadas de uma mosca varejeira. Voltam-lhe, sobretudo, os momentos em que esteve de tocaia atrás de uma pedra, escondido entre as ramagens de um arbusto, oculto por uma rocha.

Para justificar-se ao escritor convocado, Tristano compara sua decisão ao comportamento dos elefantes - que se distanciam da manada para

morrer. Saem sempre aos pares: o moribundo e um companheiro, que assistirá ao outro desenhar círculos na terra. O diâmetro da figura vai-se reduzindo a cada volta. O espectador não pode adentrar o espaço demarcado pelo companheiro, que morre só, embora observado. Findo o ritual, o animal testemunha junta-se novamente à manada.

Assim como o elefante anunciando sua morte, Tristano traça círculos: reminiscências, desejos, fotografias, diálogos, alucinações. Algumas passagens são narradas mais de uma vez, e nunca da mesma forma. Ao contar os episódios que marcaram sua trajetória, o narrador as modifica: confundindo personagens, acrescentando detalhes, imprimindo-lhes suas frustrações.

Os pormenores: as lentas tardes de domingo, em que Frau (amiga de infância criada com Tristano) lia poemas em alemão. A noite (ou o dia?) em que conheceu Dafne, a dos olhos de azeitona preta. O encontro com a guerrilha, a traição de sua amante. Uma papoula recolhida à beira das colinas gregas. A morte. Os episódios surgem em variações - como os improvisos de Schubert em *Rosamunde*, que Tristano evoca com frequência para ilustrar a melancolia de sua história e de sua condição (e talvez também para marcar sua obsessão pelo passado).

É doloroso ter as pernas gangrenadas, quase atingindo-lhe o sexo. Frau, ao seu lado desde o início, leva à cama doses diárias de morfina. Distinguir alucinações e devaneios e de memórias pode ser doloroso.

A prosa poética de Tabucchi seduz em todos os momentos. Não há propriamente um fio condutor da narrativa, exceto a ansiedade do leitor por descobrir: afinal, quem é esse velho? Tristano pode ser Clark, Ninototo. Pode ser seu irmão. Rosamunda, Marilyn, Guaglioma, Dafne - são uma? O que não muda são as estrelas. Ele cresceu observando o céu pela luneta de seu avô. E recolheu miudezas com o microscópio de seu pai. Ao final, aprendeu: "A vida descobre-se a olho nu, nem demasiado longe, nem demasiado perto, na altura dos olhos".

A narrativa de Tristano é polifônica e sinestésica.

Nem sempre sabemos quem está falando ou com quais olhos ele observa sua história. Pelas mãos de Tabucchi, o depoimento oral assume o formato de um fluxo de consciência. Diálogos estabelecidos pelo narrador no passado tornam-se trechos de sua enunciação: o que havia sido dito ou escrito por Dafne, por exemplo, é incorporado à sua fala. De um episódio vivido por Tristano passa-se a uma interrupção feita por Frau, que aparece à porta. Tudo nos chega pelo suspiro do herói.

Tristano morre é também uma reflexão sobre a literatura. Ao longo de seu depoimento, o velho reflete sobre as dificuldades de um escritor narrar uma história que não lhe é própria: como esse escritor (cuja identidade permanece oculta) poderá relatar com fidelidade o que se passou com Tristano se não estava lá? Como lidar com emoções que não são suas?

Mas o desejo de registrar sua história é, em verdade, contraditório: "Não o chamei para você gravar a minha voz, não quero que a minha voz fique, além do que seria demasiado fácil, que escritor seria você?". E, no entanto, o escritor é, para o depoente, aquele que brinca com as emoções dos outros.

E que escritor seria Tristano? Se decidiu testemunhar, é também um autor. Aqui está mais uma razão para não confiarmos na história (as outras: a memória, a morfina, a condição de um ex-combatente que não pode sair da cama). Além de marcado pelas recordações, o relato encerra diversas referências: aos poemas clássicos de Homero, às falas de Scarlet O'Hara, em *E o vento levou*, ao inseto de Kafka e ao êxtase dos místicos espanhóis. A Oscar Wilde e a Edgar Allan Poe.

O discurso aparentemente hermético e intertextual exige um esforço de leitura. Não é preciso, contudo, que se conheçam todas as referências do texto - até porque não se esgotam com facilidade. Voltar a um trecho é descobrir outra poesia, perceber um novo sentido, encontrar um caminho diferente. A primeira, a segunda e as leituras seguintes são igualmente recompensadoras: no emaranhado de Tristano, encontramos lições, reflexões e imagens que poderiam ser nossas.

Para o velho, o tempo se foi. O narrador obedece apenas a seu corpo: se está cansado, pára. Não há noites, não há dias. A janela de seu quarto permanece fechada. Tem dificuldade para olhar o relógio, mas são recorrentes as referências às horas - e, entre elas, reflexões sobre o tempo e o desejo. E o desejo de Tristano não morreu. Por mais frequentes que sejam as tentativas de atribuir às narrativas do italiano Antonio Tabucchi um caráter de resistência política ou o mérito de refletir sobre a história contemporânea europeia, o que lhe interessa em Tristano são, de fato, seus sonhos, medos e relatos.

Tristano morre
Antonio Tabucchi
Editora Rocco/ 192 páginas

Trecho da obra

“ (...) E afinal o mundo é feito de atos, de ações... de coisas concretas que acabam por passar, porém, porque a ação, escritor, verifica-se, acontece... e acontece apenas naquele preciso momento, e depois desaparece, deixa de existir, foi. E para ficar são necessárias palavras que façam com que continue a ser, que testemunhem. Não é verdade que verba volant. Verba manent. De tudo aquilo que somos, de tudo aquilo que fomos, ficam as palavras que dissemos, as palavras que agora você escreve, escritor, e não aquilo que eu fiz em determinado lugar e em determinado momento. Ficam as palavras... as minhas... sobretudo as suas... as palavras que testemunham. No princípio não era o verbo, mas no fim, escritor. Mas quem testemunha pela testemunha? A questão é esta, ninguém testemunha pela testemunha... Feliz, infeliz, não é este o problema que me coloco, sabe, escritor, aquilo que me consola é que nessa grande soma, nessa odiosa soma de vocês cheia de números, eu não apareço como uma unidade entre as demais, não me incluíram na soma, vê, queriam-me par e eu era ímpar, fiz com que errassem as contas... É a minha poesia das segundas-feiras, ou das terças... a dos domingos, esqueci-a porque não gostava dela, e ofereço-lhe esta.

(...) Mas apesar do que lhe dizia há pouco, tenho uma vantagem em relação a você, amigo, eu sou sua voz e a sua é a mera escrita, a minha é voz... a escrita é surda... estes sons que você ouve agora no ar sobre a sua página irão morrer, a escrita fixa-os e mata-os, como um fóssil cristalizado no quartzo... a escrita é uma voz fossilizada, e não mais tem vida, o espírito que possuía com aquelas ondas que vibravam no espaço desvaneceu-se... dentro em pouco a minha voz terá desaparecido, a sua escrita ficará... poderá gravá-la com o seu instrumento, é certo, mas estará morta, uma vez mais as palavras serão sempre as mesmas, imutáveis, infinitamente desprovidas de vontade, não uma voz, o simulacro de uma voz... (...)” (p. 180)



Eis que eu estava grávida

No livro *Em nome da mãe*, Erri de Luca faz delicada criação literária sobre passagens não narradas na Bíblia

Por Luisa Destri

A palavra é sopro. Mas, embora a Maria tenha sido concedida a graça de gerar o filho de Deus, os evangelhos

de Lucas e de Mateus, que descrevem o episódio da Anunciação, atribuem a ela apenas a seguinte fala: "Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a Tua palavra" (Lucas, 1, 38).

Entre a visita do anjo que lhe plantou a semente sagrada no ventre e o parto que realizou sozinha na manjedoura, a mãe de Jesus foi personagem de outras histórias: o casamento com José (que a aceitou, apesar de grávida), os conflitos com a comunidade (que a discriminou), o recenseamento ordenado por César Augusto e que levou o casal a Belém. Sempre personagem, nunca principal. Se a contribuição masculina para o nascimento de Jesus está ausente na concepção e se a mãe pôde, sozinha, cortar o cordão umbilical de seu filho, a Maria deve ser concedido o dom da voz. É o que faz o italiano Erri de Luca no livro *Em nome da mãe*: Maria (Miriam, em hebraico) torna-se narradora de sua gestação.

Não se trata de um texto religioso, tampouco de uma subversão às escrituras sagradas - mas da expressão (romanceada) de uma mulher que aceitou sua missão e se manteve fiel à sua fé, a seu marido e a seus costumes.

Como uma poesia, o relato de Maria é dividido em

estâncias. Com linguagem delicada e serena, a narradora descreve sua relação com José, a reação de outras mulheres à sua gravidez anterior ao casamento, as mudanças de seu corpo e as expectativas em relação ao filho anunciado.

A grávida prepara-se para receber Jesus com gestos de amor. No início da manhã, sobre o telhado de sua casa, descobre o corpo para que ele receba a luz ainda branda do Sol. E lhe diz: "É a [luz] que te espera aqui fora. Não serve só para ver ao longe, também é calor. Sentes a onda que nos cobre enquanto estamos estendidos? Chama-se Sol. Os olhos não conseguem olhá-lo, mas os teus, sim, protegidos pela água do ventre".

Mas é na noite do parto, já com o filho a seu lado, que a sensibilidade da narradora atinge seu máximo. Sentindo-se vazia, fica acordada até amanhecer, conversando com o bebê sobre o futuro, apresentando-lhe o mundo, examinando seu corpo. Quer que nessas horas de insônia sejam apenas os dois, mãe e filho sem pastores, sem romanos, sem José: "O que vier, amanhã e depois, será o contrário de agora, desta noite".

Em nome da mãe

Erri de Luca

Companhia das Letras/ 96 páginas

Para saciar nossa vontade de boas histórias

Em coletânea de contos, Italo Svevo revela-se um grande narrador

Por Luisa Destri

O crítico literário David Arrigucci Jr. nos define como *homo narrator*: "O homem é um animal narrativo". Todos estamos sempre atrás de boas histórias: ao perguntar para um amigo sobre as novidades, esperando o próximo capítulo da novela, descobrindo o passado da família. O enredo nem sempre é original - basta um jeito encantador de contá-lo.

Exemplos de excelentes narradores e histórias sedutoras estão reunidos em *Argo e seu dono*, de Italo Svevo. O italiano, que inicialmente não conseguira reconhecimento em seu trabalho, foi redescoberto por grandes escritores, como James Joyce.

O que torna deliciosos os oito contos da coletânea é o narrador - especialmente quando em terceira pessoa. Seu ponto de vista onisciente e imparcial sobre os pensamentos das personagens adquire mais importância do que a própria história.

Em "A novela do bom velho" e da bela jovem, o velho - que após apaixonar-se pela jovem decide escrever sobre moral - é tratado com ironia. É a partir da posição do narrador que somos compelidos a olhar com desconfiança para os pensamentos da personagem - que frequentemente culminam em aforismos:



"As mulheres bonitas sempre parecem antes de tudo inteligentes. Uma tez bonita ou um belo corpinho são de fato a expressão da inteligência mais absoluta". O homem em idade avançada que procura a juventude em relacionamentos amorosos é mote também para "O meu ócio". Nesta narrativa breve é o velho quem nos conta suas manias, sua hipocondria, suas teorias sobre o tempo e sobre a doença. Eliminado o narrador externo à narrativa, mantém-se, contudo, o distanciamento. É que os aforismos desse velho freqüentemente assumem um tom jocoso: "Emagrecer tampouco era fácil. Eu pesava então noventa e quatro quilos. Em três anos consegui diminuir dois quilos, portanto para chegar ao peso desejado por Raulli eu ainda precisaria de dezoito anos".

Além do narrador, as personagens construídas por Svevo também são encantadoras. Até mesmo quando não se trata de pessoas. O cão Argo, do conto que dá nome ao livro, descreve com precisão a alegria dos homens: "Quando o dono quer rir fecha um pouco os olhos e abre a boca".

Argo e seu dono

Italo Svevo

Berlendis & Vertecchia/ 191 páginas



Além da macarronada

Cozinha italiana completa não traz apenas opções de pratos, mas também um pouco da história de cada um deles

Por Ana Luiza Daltro

Peixes e frutos do mar. Ovos, aves e carnes de caça. Massa. Cogumelos. Óleos, vinagres, ervas, especiarias e temperos. Leite e derivados. Vinhos, licores e destilados.

Como podemos ver por alguns dos nomes dos capítulos desse livro, muito bonito e bem ilustrado, a cozinha italiana vai muito além do clichê da macarronada. Mas o objetivo do casal de autores não se limita a explicações culinárias e receitas. Ali são abordadas não apenas as diferenças geográficas e culturais nos hábitos

alimentares dos italianos, mas a própria história da alimentação no país.

Um dado interessante - e relativamente desconhecido do grande público - diz respeito à influência estrangeira no que vemos como o mais tipicamente italiano na cozinha. O óleo de oliva, por exemplo, chegou às regiões da Apúlia e Sicília por meio dos gregos. Já a polenta, o milho e o tomate saíram da América para Veneza.

Ao final de cada capítulo, um guia com verbetes de A a Z detalha não só a história, mas os diversos modos de produção e os usos culinários

de cada alimento. Em seguida, encontramos várias e inspiradoras receitas regionais - são mais de 175 no total.

Um dos autores, Antonio Carluccio, possui um restaurante em Londres, o "Neal Street". Os negócios, que vêm se expandindo Reino Unido afora, compõem-se também de uma rede de lojas de especialidades italianas chamada "Carluccio's". Ele é autor de vários *best-sellers* sobre a cozinha de seu país e já fez duas séries para televisão.

Antonio e Priscilla (também autora do livro) não

escondem a vontade de resgatar e preservar as tradições, mas levam em conta as perspectivas e necessidades do homem contemporâneo (bem como a crescente preocupação com o meio ambiente e a saúde). A principal idéia é a de que a excelência da culinária italiana deve-se à sua simplicidade e aos seus ingredientes genuínos e de primeira linha. Mas poderíamos acrescentar tranquilamente a esses fatores a notável paixão dos italianos pela boa comida.